

# Educação e comunicação: caminhos para o ensino da história

Ana Paula Machado Velho<sup>1</sup>  
Natália Martins Besagio<sup>2</sup>

**Resumo:** Considerando a teoria da Educomunicação, que propõe a interação entre comunicação e educação e a interlocução de saberes, o presente projeto tem como objetivo levantar as novas propostas curriculares para o ensino da disciplina de História, relacionando-as à inserção dos veículos de comunicação no processo de ensino-aprendizagem, com a finalidade de tratar a disciplina não somente como construção e compreensão do passado, mas como fundamento para o presente, associando-a as novas tecnologias e formas de produção, e inserindo-a no cotidiano do corpo discente. Para tanto, será desenvolvido um produto jornalístico na forma de programa radiofônico, com o objetivo de evidenciar um método de ensino condizente com tal proposta.

**Palavras-chave:** Educação. Comunicação. História. Rádio. Cidadania.

---

<sup>1</sup> Mestre e doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; jornalista da Assessoria de Comunicação da Universidade Estadual de Maringá; professora do curso de Jornalismo e coordenadora da Especialização Mídias Digitais: comunicação na sociedade da informação, do Centro Universitário de Maringá (Cesumar). Professora do Mestrado em Promoção da Saúde do Cesumar.

<sup>2</sup> Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Maringá (2008) e graduação em Jornalismo pelo Centro Universitário de Maringá (2010). É professora de História do Ensino Fundamental II e produtora/apresentadora do programa radiofônico História Falada, veiculado na Rádio Universitária Cesumar. Tem experiência no campo teórico e metodológico de investigações em Comunicação Social e Educação.

## Introdução

O passado é peça fundamental para a compreensão de uma determinada sociedade ou civilização, seus costumes, hábitos, política e economia. Revela não somente o que somos, mas de que maneira podemos lidar com os acontecimentos presentes. Assim, o passado é inerente a todo e qualquer indivíduo, sendo indissociável de seu presente.

Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana (HOBSBAWM, 1998, p.22).

Deste modo, a disciplina de História não somente revela fatos passados, mas esclarece acontecimentos presentes, abrindo novos caminhos e interpretações, além de possibilitar a compreensão do outro sob um olhar que não permita preconceitos e falsos julgamentos. Olhar o presente sob a ótica do passado pode auxiliar na compreensão daquilo que somos e da maneira como configuramos nossa convivência em sociedade. Não que estejamos condicionados aos acontecimentos passados, mas que possamos utilizá-los de forma a melhor lidar com os acontecimentos cotidianos.

Em história, na maioria das vezes, lidamos com sociedades e comunidades para as quais o passado é essencialmente o padrão para o presente. Teori-

camente, cada geração copia e reproduz sua predecessora até onde seja possível e se considera em falta com ela na medida em que falha nesse intento. Claro que uma dominação total do passado excluiria todas as mudanças e inovações legítimas, e é improvável que exista alguma sociedade humana que não reconheça nenhuma delas (HOBSBAWM, 1998, p.22-23).

Assim, resgatar a História, inserindo-a no contexto da sociedade da informação, ou seja, associada aos veículos de comunicação e sua potencialidade, é lançar luz sobre a atual configuração da escola brasileira, bem como sobre a maneira como lidamos com a disciplina de História, a fim de aprimorar nossa relação com o passado. É o que pretende o presente projeto.

## **Educomunicação**

Imaginar as relações sociais sem o intermédio dos meios de comunicação tornou-se tarefa árdua. Isso porque as imagens e sons não apenas modificam a presença do homem no mundo, mas o próprio meio cultural, configurando um fenômeno social de amplo alcance quantitativo e qualitativo. Graças aos veículos de comunicação, o homem se apropriou do tempo e do espaço, rompendo barreiras antes intransponíveis, como aponta Gutiérrez (1978).

Deste modo, a cultura de massas tende a se tornar cada vez mais popular, universalizando-se e colocando a infor-

mação à disposição de milhões de pessoas que, há poucos anos, não tinham acesso à mesma.

O ambiente escolar não é uma exceção à regra. Permeadas por imagens e sons incutidos através dos meios de comunicação, crianças e adolescentes em idade escolar tendem a levar para a sala de aula as experiências adquiridas no cotidiano, modificando o processo educacional e introduzindo novos desafios no ambiente escolar. O professor, como educador, não pode ignorar este fenômeno.

Podemos e devemos fazer tudo o que estiver no nosso alcance, como educadores, para transformar os meios de informação em meios de comunicação; temos que estimular e promover a perceptibilidade, criticismo e criatividade através desses próprios meios (GUTIÉRREZ, 1978, p.20).

Assim, os meios de comunicação devem se converter em ferramenta pedagógica, modificando as relações entre professores e alunos, além de assumir um importante papel no desenvolvimento da cidadania. Relacionar educação à comunicação, para a formação do corpo discente e a inserção do cotidiano em ambiente escolar é o que propõe e teoria da Educomunicação.

Colocar os meios de comunicação frente à educação tradicional nos indica que precisamos gerar novos procedimentos e metodologias. Se os meios de comunicação social tiveram, e continuam tendo grande repercussão sobre o homem e a sociedade, é

agora também que repercutem sobre a escola. Nós, os educadores, estamos experimentando, na própria carne, o desafio e o incômodo que produzem os meios de comunicação que tratam de derrubar os muros da escola (GUTIÉRREZ, 1978, p.23).

Nesse contexto, Educomunicação pode ser definida como o termo que se refere ao campo de reflexão/ação entre a educação e a comunicação social, apresentando-se na atualidade sob forma de leitura crítica dos meios, produção coletiva e comunicação e epistemologia. Segundo Soares (s./d.), a Educomunicação se define como um conjunto de premissas destinadas a integrar as práticas educativas e o estudo dos sistemas de comunicação, criar e fortalecer sistemas comunicativos em espaços educativos e, por fim, melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

Soares (s./d.) pontua, ainda, que a comunicação não se apresenta como simples ferramenta ou recurso didático, uma vez que é condição essencial e inerente a um autêntico processo educativo. Deste modo, a ação educacional deve proporcionar o acesso dos agentes sociais (professores, alunos, membros da comunidade educativa) aos recursos da informação, assim como a capacitação para seu uso de maneira dialógica e participativa, com a finalidade última de promover a cidadania.

A Educomunicação consiste em um

[...] esforço sistemático que setores da sociedade voltados para a educação estão fazendo para ampliar as formas de expressão, garantindo, por exemplo, que novas gerações usem as tecnologias, não de forma competitiva e mercantil, mas em prol da cidadania. Em uma perspectiva mais complexa, podemos dizer que a educomunicação é o conjunto das ações voltadas a criar e consolidar – seja em uma empresa, um centro de cultura, uma escola ou mesmo na redação de um veículo de informação - ecossistemas comunicativos abertos e criativos, propiciados por fluxos cada vez mais democráticos de informação, carregados de intencionalidade educativa, tendo como objeto último a prática da cidadania. Nesse sentido, um dos pilares da educomunicação é a responsabilidade social, conceito que ganhou força nas duas últimas décadas, mobilizando até mesmo os setores mais conservadores da sociedade (SOARES, 2010, Entrevista)

Mônica Fantin (2006) explica que, para Soares, a Educomunicação não pode ser considerada nos limites de uma disciplina, sendo criada como um campo de intervenção que possibilitaria a utilização dos recursos de informação no processo de ensino-aprendizagem, proporcionando o contato com os meios de comunicação de massa e a inter-relação entre diferentes pessoas e grupos.

A autora afirma, ainda, que a educação para as mídias contribui não somente para a construção da cidadania, mas para despertar a atenção da sociedade civil e do poder político para o valor da cidadania, construindo uma via de mão dupla, composta pela reivindicação de direitos e do

conjunto de esforços para construí-los.

Nesse contexto, é importante o reconhecimento do outro como diferente e singular, dado pelo processo de socialização por meio do qual a comunicação é um fenômeno de reconhecimento do indivíduo, enquanto a educação possibilita o processo formal e não-formal de construção do sujeito social, como aponta Schaun (2002).

De acordo com Guillermo Orozco Gomes (1997), é necessária ainda a configuração de um processo de mediação, por meio do qual a aprendizagem seja recontextualizada tendo por base critérios éticos e sociais com a finalidade aproveitar o conteúdo oferecido pelos meios de comunicação de massa, fazendo-o retornar à escola e aos alunos que a compõem.

Esse processo pode acontecer somente quando o corpo docente inserir, de maneira consciente, processos educacionais no sistema de ensino, integrando suas ações à gestão escolar, de maneira a ampliar o relacionamento entre alunos e professores, identificando problemas que possam ser discutidos e resolvidos por meio da comunicação. Nesse contexto insere-se o papel do educador que, mais do que educar para as mídias, deve inseri-las no processo de ensino.

Segundo Geneviève Jacquinet (1998), o educador não é o professor especializado, encarregado somente de educar os alunos para os meios, mas um profissional

que integra os diferentes meios em suas práticas pedagógicas, adotando como desafio o confronto entre os métodos tradicionais de ensino e a apropriação da cultura midiática empreendida pelos alunos, com a finalidade de promover o espírito crítico, construindo um ambiente de cidadania. Assim, a autora afirma que se aprende através das mídias, por meio do trabalho ‘com’ elas e ‘sobre’ elas.

Nesse sentido, Fantin afirma que

[...] nas diferentes perspectivas que a mídia-educação vem acontecendo, as dimensões de educar *com*, *sobre*, *para* e *através* dos meios, são dimensões de um fazer-refletir a educação para os meios. Considerando que num processo de apropriação crítica e criativa sempre se aprende *através* das mídias, seja *com* ou *sobre* elas, as práticas de mídia-educação dizem respeito a sua concepção como objeto de estudo, como instrumento de aprendizagem e como forma de cultura (FANTIN, 2006, p. 86).

Assim, o educador pode tanto educar para os meios, de maneira a orientar os alunos para lidar com os diferentes veículos de comunicação ao fazer uma leitura crítica dos mesmos, quanto inserir os meios no processo de ensino aprendizagem, utilizando-os como ferramenta, com a finalidade de desenvolver dinâmica e ritmos diferentes em sala de aula, retirando o foco dos tradicionais métodos de ensino para aproximar o conteúdo à realidade cotidiana dos alunos, além de abrir possibilidades para a

integração do corpo discente na produção de materiais midiáticos a partir do esforço dos próprios alunos.

Deste modo, com a construção de um novo panorama para a educação e o estabelecimento de novos paradigmas para a comunicação, a escola deve estar intimamente ligada à revolução tecnológica inerente ao seu tempo, como pontua Gutiérrez,

[...] a decisão é importante. Estamos convencidos de que, desta decisão, depende a sobrevivência da escola. Este é o dilema que os Meios de Comunicação Social, com toda crueza, apresentam à escola. Na era da comunicação total (linguagem total) nossos estudantes não poderão chegar a uma mínima culturalização sem a aquisição prévia de um conhecimento básico das linguagens dos Meios de Comunicação Social. O desafio dos meios se resolverá incorporando estas novas formas simbólicas às diferentes etapas do processo educativo (GUTIÉRREZ, 1978, p.24).

## O veículo rádio

Inclusão social. Esta é na verdade a principal característica do rádio que se tornou um dos mais importantes veículos de comunicação da história ao abrigar uma gama de linguagens e significados, abrangendo desde a programação musical até a veiculação de informações. Assim, o rádio se tornou um dos mais populares veículos de comunicação de massa, e isso porque

[...] o rádio inclui a todos: o letrado e o analfabeto, o pobre e o rico, o jovem e o idoso, a mulher e a criança [...] Na programação, por mais segmentada que seja, o rádio inclui a música, a publicidade, os vários formatos do jornalismo, a educação, o esporte, a cultura, a prestação de serviços [...] O rádio inclui tudo, o local e o global. (FILHO; PIOVESAN; BENETON, 2004, p.36).

E talvez seja por este motivo que a educação esteve intimamente relacionada à história do veículo. Quando pensamos em educação, logo a associamos a um direito, uma necessidade, inerente a todo e qualquer indivíduo. Assim, ambos estão a serviço da sociedade, assumindo um importante papel para o desenvolvimento da cidadania e a formação do cidadão.

O rádio, por meio da linguagem, ainda permite ao ouvinte a construção de ideias e imagens, fatores significativos para o ensino da disciplina de História que, em boa parte do tempo se dispõe a ensinar sobre outros povos, civilizações e culturas, estimulando a imaginação. Assim como o rádio que,

[...] ao utilizar o som como único estímulo sonoro, trabalha a imaginação e seu hábito de escuta pode contribuir para a concentração. Ao serem veiculados em emissoras com sinal aberto, os programas radiofônicos educativos contribuem para a educação permanente. Quando levados para a educação formal podem fornecer “elementos de organização prévios”, introduzindo o aluno novo conteúdo do

programa escolar e assegurando um componente afetivo à nova temática discutida (ANDRELO; KERBAUY, 2009, p.162)

## **Caminhos para o ensino da História**

O desenvolvimento e a diversidade dos meios de comunicação levantam novas problemáticas relacionadas à educação, uma vez que o corpo discente se encontra inserido na sociedade da informação, amplamente conectado às novas tecnologias. Nesse contexto, os tradicionais métodos de ensino tornam-se pouco eficazes se não estiverem interligados com os novos formatos de produção da informação, inserindo na sala de aula as referências cotidianas que interferem na formação dos alunos. Segundo Ismar de Oliveira Soares

[...] os professores têm de conviver com o novo *modus comunicandi*, próprio das novas tecnologias e inerentes à natureza das comunidades virtuais. Em outras palavras discute-se sobre os atuais e os vindouros paradigmas da educação em seu confronto/ associação com o mundo da informação e sobre o papel do professor/instrutor nesta revolução tecnológica (SOARES, 2010, p.12).

A escola encerrada entre quatro paredes tornou-se pouco eficaz com o advento da sociedade da informação. Imagens e sons em suas múltiplas apresentações modificam a relação do homem com o meio, desvelando uma comple-

xa rede informacional, na qual se encontram inseridos os indivíduos incapazes de permanecer alheios ao processo que os impele para uma constante mudança.

A transformação amplamente conectada à sociedade moderna, não somente modifica o meio e as relações sociais, mas interfere diretamente na percepção dos sujeitos que, a partir de então, passam a se alimentar de uma quantidade incalculável de informações, sendo guiados por novas experiências e sensações.

Com a configuração de um novo panorama, que modifica o homem e suas relações, é fundamental que a escola, cuja finalidade consiste em, supostamente, educar oferecendo aos indivíduos novas formas de pensar, perceber, intuir e sentir, continue a se expressar de forma sistematizada e institucionalizada, ignorando o contexto midiático na qual se encontra inserido o aluno, como aponta Francisco Gutiérrez.

O homem sujeito da educação não é o animal racional definido por Aristóteles. Nem é, tampouco, o ser abstrato nem o homem que, em pequeno, está cheio de potencialidades que esperam a mão especialista do educador para poder germinar, florescer e frutificar. Esta germinação já não pode mais ser tão feliz desde o momento em que nós, unilateralmente a submetemos a uma série de regras e leis (barroquismo regulamentarista dos colégios) com a finalidade expressa (ou não) de matar a espontaneidade e criatividade do educando. Construimos lindas estufas e fabricamos complicados andaimes

para tirar os estudantes de sua realidade vital (GUTIÉRREZ, 1978, p.24).

É essencial que esta realidade vital seja inserida no ambiente escolar, para que a escola não continue reproduzindo situações contraditórias àquelas criadas pela vivência cotidiana dos alunos, forçando-os a permanecer ilhados, como afirma Gutiérrez (1978), introduzindo assim, junto à escola tradicional, os meios de comunicação, a fim de proporcionar maior interação entre aluno e professor, facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

Isto porque as novas tecnologias apresentam um grande potencial educativo, como aponta Tania Porto (2006), desenvolvendo características fundamentais a este processo como: rapidez (velocidade com que as informações são disponibilizadas e processadas), recepção individualizada (possibilita ao usuário diferentes modos e ritmos de interação), interatividade e participação (permite ao usuário assumir o papel de sujeito), hipertextualidade (oferta grande quantidade de informações, imagens, janelas, caminhos e linguagens que os textos escolares não possibilitam), realidade virtual (o tempo virtual impõe-se ao estado real proporcionando ao indivíduo a interação com o novo ambiente, criando elementos próprios para entender a situação virtual, significá-la e interagir com ela) e, por fim, digitalização/ideologia (os diferentes meios de comunicação permitem a inter-relação com outras linguagens, possibilitando que

imagens, narrativas e sons cheguem ao receptor com fortes apelos de sedução, contribuindo para que o usuário crie códigos de entendimento e se relacione com a mensagem).

A partir dessas características, é possível afirmar que educação e comunicação se relacionam com o objetivo de retratar o cotidiano dos alunos e possibilitar novas formas de conhecimento e interpretação da realidade ao contribuir para a formação de cidadãos críticos e participativos, que se encontrem inseridos no meio social.

No entanto, a simples inserção dos veículos de comunicação no ambiente escolar, não garante maior interação entre os indivíduos participantes deste processo se continuar apresentando um conteúdo verticalizado, reproduzindo alienação e massificação, como observa Gutiérrez (1978). Para o autor,

[...] estabelecer uma comunicação mais intensa, mais viva, no processo educativo, é um dos objetivos primordiais da pedagogia da linguagem total [...] A educação deve proporcionar técnicas de aprendizagem, auto-expressão e participação. Este será, sem dúvida, um passo seguro que obrigará a sociedade a modificar os meios de informação em meios de comunicação (GUTIÉRREZ, 1978, p.31).

Desse modo, não basta apenas inserir os meios de comunicação no processo educativo, mas possibilitar a interação dos indivíduos e a mudança de conduta do educando frente a essa nova realidade. Cabe à escola e ao educador

(educador), não somente inserir os veículos de comunicação no processo educativo, mas apresentá-los de maneira crítica e multilateral, apontando possíveis caminhos para que o aluno possa compreender o conteúdo e sua própria realidade de múltiplas maneiras, fazendo uma relação entre o universo educacional e o universo comunicacional, de modo a construir uma inter-relação entre ambos, uma vez que

O giz, o quadro-negro e um indivíduo frente a trinta ou quarenta alunos continuam sendo a estrutura fundamental de aprendizagem numa sociedade eletrônica, universal e ultracósmica. É por demais evidente que os meios de comunicação estão colocando em xeque o processo de escolarização (GUTIÉRREZ, 1978, p.26).

A sociedade da informação, amplamente conectada aos meios de comunicação, re-configura as estruturas sociais, econômicas e culturais apresentando aos indivíduos novas percepções que, inevitavelmente, repercutem sobre o processo educativo, uma vez que a escola não pode se apresentar em contradição com a vida moderna, como aponta Gutiérrez

As inquietudes por uma pedagogia que não seja centrada na transmissão de conhecimentos, mas em técnicas de condução de grupos, de compromisso pessoal, de investigação e criatividade estão provando que a educação é um processo de comunicação e que as mais prometedoras possibilidades

da didática prospectiva estão estreitamente vinculadas à teoria da comunicação. Nos dias de hoje já não se pode continuar pensando em uma escola encerrada entre quatro paredes e completamente desvinculada do processo de comunicação (GUTIÉRREZ, 1978, p.33).

Deste modo, os veículos de comunicação podem funcionar como meio eficaz para a troca de conhecimento entre professor e aluno, aliando tecnologia à educação e agregando valor ao sistema de ensino. Segundo Schaun (2002), na atual configuração social é importante a apropriação da informação para a expansão do conhecimento, democratizando o acesso aos meios de comunicação e evidenciando sua importância dentro do sistema educacional ao legitimar novos atores sociais, como propõe o campo da Educomunicação.

A partir dessa configuração, são impostos novos paradigmas que dizem respeito não somente à inserção de novas tecnologias em sala de aula, mas à maneira como serão incorporadas no processo de ensino-aprendizagem.

Para Gómes (2002), a América Latina deve desenvolver uma série de potencialidades com a finalidade de melhor aproveitar os recursos oferecidos pelas novas tecnologias, pautando-nos por nossas peculiaridades culturais, científicas e tecnológicas. O autor afirma ainda que, quando inseridas nas leis de mercado, as novas tecnologias têm como consequência a inclusão de uma minoria, sendo possível alterar este quadro por meio de uma educação que

valorize e fortaleça a própria cultura.

Por este viés, o ensino da história que, desde sua criação, foi vinculado às mais diferentes formas de dominação, fosse ela estrangeira, política, econômica ou mesmo cultural, apresentando um conteúdo hierarquizado e constituído a partir da velha dicotomia “mocinhos” e bandidos”, deve se inserir neste processo de informatização, com a finalidade de proporcionar um ensino dinâmico e atraente para os alunos que, frequentemente tendem a relacionar a disciplina de História às instituições do passado, relegando seu conteúdo para o segundo plano por desvinculá-lo de sua realidade cotidiana, tornando-o tedioso e desinteressante.

A partir desse panorama, é preciso que o professor, que se proponha agir como educador, apresente a disciplina de História de maneira dinâmica, procurando explicitar as relações entre os diferentes grupos, relações essas que estão em constante movimento, configurando-se nos mais diversos tempos e espaços. Nesse processo, não se deve inventar, artificialmente, uma problemática, mas levantar a problemática vivenciada pelos sujeitos históricos em determinado contexto, fazendo com que o objeto de estudo apareça em suas mediações e contradições.

Para Bittencourt (2004), a proposta de renovação do ensino pelos atuais currículos torna-se possível por meio da articulação entre método e conteúdo, e mais, entre o método e novas tecnologias

[...] os atuais métodos de ensino tem de se articular às novas tecnologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações, pertencentes à “cultura das mídias”. As transformações tecnológicas tem afetado todas as formas de comunicação e introduzido novos referenciais para a produção do conhecimento, e tal constatação interfere em qualquer proposta de mudança dos métodos de ensino (BITTENCOURT, 2004, p.107).

As mudanças culturais provocadas pelos meios audiovisuais geram sujeitos com novas e diferentes habilidades o que, segundo Bittencourt (2004), exige uma releitura dos meios de comunicação, de modo a propiciar uma análise crítica e bem estruturada dos mesmos. Deste modo, torna-se inevitável a articulação entre educação e comunicação no processo de ensino aprendizagem, não somente educando para os meios, mais do que isso, através dos meios.

Isso não implica em um abandono dos métodos tradicionais de ensino e detrimento das novas tecnologias, uma vez que, segundo Libâneo (1998), a escola continuará durante muito tempo dependendo da sala de aula, do quadro negro e dos cadernos. Essa reconfiguração do ensino deve, portanto, levar em consideração o impacto das novas tecnologias sobre a educação escolar e a vida cotidiana, fazendo com que os professores não mais ignorem os veículos de comunicação, uma vez que, há tempos, o livro didático deixou de ser a única fonte de conhecimento e o professor o único detentor do saber.

Com a finalidade de colocar em prática a inter-relação entre comunicação e educação, efetivando a inserção dos meios no ambiente escolar, o presente projeto propõe a gravação de um programa radiofônico com o objetivo de tornar o conteúdo mais dinâmico e atraente ao corpo discente, apresentando a História de maneira mais próxima possível à realidade dos alunos ao despertar o interesse dos mesmos a cerca da disciplina.

Por uma delimitação temporal, torna-se inviável o envolvimento direto dos alunos na produção do programa, ou seja, inserindo-os nos processos de gravação e edição do mesmo, mas apenas evidenciar o quanto os meios podem dinamizar e aproximar a relação professor-aluno-conteúdo.

Parte-se do princípio da educação *com* os meios de comunicação, uma das vertentes abordadas pela teoria da Educomunicação, explicitada na seção anterior, com a finalidade de propor caminhos para o ensino da disciplina de História ao utilizar os meios de comunicação de massa como ferramenta que auxilie no processo de ensino-aprendizagem, abrindo caminhos para tornar possível o que Gutiérrez definiu como comunicação pedagógica

As inquietudes por uma pedagogia que não seja centrada na transmissão de conhecimentos mas em técnicas de condução de grupos, de compromisso pessoal, de investigação e criatividade estão provando que a educação é um processo de comunicação e que as mais prometedoras possibilidades

da didática prospectiva estão estreitamente vinculadas à teoria da comunicação. Nos dias de hoje já não se pode continuar pensando em uma escola encerrada entre quatro paredes e completamente desvinculada do processo da comunicação (GUTIÉRREZ, 1978, p.33).

## **História falada**

A disciplina de História inserida no cotidiano de jovens e adolescentes como meio de transformar a realidade fazendo-os compreender o funcionamento social e a complexidade das relações humanas, tornando-os mais sensíveis à realidade que os cerca e capazes que levantar questionamentos coerentes e pertinentes a essa realidade e, tudo isso, sem sair do lugar. Esse é o objetivo do programa História Falada que, ao abordar a História por meio de um programa radiofônico, faz que com a disciplina se torne próxima ao cotidiano, deixando de tratar apenas de “velharias”, para se mostrar atual, inserida no tempo presente.

Neste sentido, é importante ressaltar que o programa, descrito no presente memorial, não tem pretensões messiânicas de mudar completamente a vida de jovens em idade escolar somente por meio da História, mas sim fazer com que estes jovens vejam além do conteúdo didático aplicado em sala de aula, reconhecendo as relações humanas e as complexidades que as cercam, além de torná-los capazes de julgar a própria realidade de maneira crítica, fazendo-os le-

vantar questionamentos a respeito dos acontecimentos cotidianos (eleições presidenciais, desigualdade social, dívida externa, sistema de saúde, educação pública...) vivenciando-os de maneira crítica pelo simples fato que não aceitar tudo o que é imposto sem antes questionar.

A ideia de um programa que abordasse a disciplina de História, bem como seus personagens e acontecimentos, surgiu no curso de Jornalismo do Centro Universitário de Maringá, sendo produzido por diferentes alunos ao longo de dois anos, e veiculado na RUC, Rádio Universitária Cesumar, com o nome Historiando. Os resultados foram positivos e o público, que entrava em contato via e-mail, além de sugerir temáticas para os próximos programas, elogiava a maneira simples e agradável como a História era contada através do programa, que tinha uma duração média de 5 minutos.

O programa História Falada segue a mesma linhagem do Historiando, intercalando trilhas e efeitos sonoros ao conteúdo a fim de torná-lo dinâmico. No entanto, apresenta algumas alterações como o tempo de apresentação, que gira em torno de 10 minutos, e a abordagem do conteúdo, que será feita não somente pela narradora, mas também pela personagem Matilde Lobato, uma avó que, ao fazer pequenas inserções durante o programa, pretende torná-lo mais atrativo e dinâmico.

Neste contexto é importante ressaltar o significado das personagens. O objetivo é contrapor diferentes abor-

dagens de um mesmo fato histórico por meio das locuções, ou seja, a personagem Matilde Lobato tem como objetivo representar uma vertente mais oficial da História, narrando os fatos de maneira subjetiva, uma vez que será uma testemunha ocular dos acontecimentos. Por outro lado, a narradora, que representa uma pessoa mais jovem, assume o papel de demonstrar ao ouvinte outra visão da História, apresentando-a de maneira mais objetiva e buscando diferentes interpretações, preferencialmente não associadas à história oficial, veiculada pelo governo e, dependendo do assunto, pela própria escola.

Assim, através da disciplina de História, o programa História Falada propõe uma mudança simples, como a postura diante de determinados fatos sociais, políticos, econômicos e culturais, que podem fazer a diferença na construção de caminhos futuros, tornando o público alvo mais próximo ao conteúdo e inserido em seu contexto social, capaz de transformá-lo pelo desenvolvimento do pensamento crítico.

## **Considerações Finais**

Educar para a cidadania. A tarefa é árdua quando analisamos a atual conjuntura da escola brasileira. A ausência de recursos e o despreparo do corpo docente tornam-se muitas vezes destoantes com o panorama proposto pela

evolução dos meios de comunicação, que inserem a comunidade escolar em um universo de sons e imagens, transformando o cotidiano dos alunos e re-configurando as relações sociais.

A escola, inserida na sociedade da informação, já não pode ignorar o fato de que as múltiplas linguagens modificaram a concepção de tempo e espaço. “Os limites geográficos se ampliaram consideravelmente. O garoto que se senta pela primeira vez no banco da escola já não é aquele garoto tímido do princípio do século, cuja visão apenas sobrevoava os horizontes de seu bairro” (GUTIÉRREZ, 1978, p.23).

As relações do homem com sua realidade vital não comportam uma escola encerrada entre quatro paredes, restrita aos bons e velhos livros didáticos. É preciso que os meios de comunicação façam frente à escola tradicional, gerando novos procedimentos e metodologias, com o objetivo de aproximar a educação do cotidiano de jovens e adolescentes, inseridos na sociedade da informação e por ela amplamente influenciados.

Essa proposta se torna possível por meio da inter-relação entre educação e comunicação. Este é o objetivo do presente projeto que, ao abordar a disciplina de História por meio de um programa radiofônico, aponta novos caminhos para o ensino ao trazer para a sala de aula um veículo de comunicação amplamente difundido entre jovens e adolescentes, o rádio.

O programa História Falada abre assim novas possibilidades para a inserção dos veículos de comunicação no processo de ensino-aprendizagem, tornando-o dinâmico e próximo à realidade dos alunos, além de promover o criticismo e a criatividade. Baseando-se na teoria da Educomunicação e, utilizando-se de recursos como o diálogo entre locutores e a inserção de trilhas, o programa faz uma abordagem leve e bem humorada da História, tornando-se atraente aos olhos da comunidade estudantil familiarizada com a linguagem radiofônica.

Por meio da interlocução entre comunicação e educação, o programa História Falada se insere nas propostas educacionais voltadas para a inserção dos veículos de comunicação em sala de aula, sem a pretensão de resolver todos os dilemas e impasses que se apresentam durante o processo de ensino-aprendizagem. Constituí-se assim, como uma ferramenta didático-pedagógica capaz de fazer com que os alunos percebam a realidade que os cerca, analisando-a de maneira crítica e conhecendo toda a complexidade das relações humanas para que, deste modo, auxiliem na construção da cidadania. Disto depende a sobrevivência da escola. “Este é o dilema que os Meios de Comunicação Social, com toda crueza, apresentam à escola” (GUTIÉRREZ, 1978, p.24).

## Referências

ACCIOLY, Denise Cortez da Silva. Educação e comunicação na perspectiva de Paulo Freire: a questão da mídia na prática docente. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 5., 2005, Recife. *Anais eletrônicos...* Recife, 2005, p.1-12.

ALVES, Patricia Horta; LAGO, Claudia. Raízes educacionais: do conceito à prática. Net, São Paulo, dez. 2005. Imaginário. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/16.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2010.

ANDRELO, Roseane; KERBAUY, Maria Teresa. Gênero educativo no rádio: parâmetros para a elaboração de programas voltados à educação. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v.32, n.2, p.147-164, jul./dez. 2009.

BARROS, Josemir Almeida. *Rádio e educação: de ouvintes a falantes, processos midiáticos com crianças*. 2008. Tese (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BELLO, José Luiz de Paiva. Educação no Brasil: a História das rupturas. *Pedagogia em Foco*. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb14.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

BETTI, Juliana Gobbi; MEDITSCH, Eduardo. Mario Kaplún: teoria e técnica radiofônica a serviço da emancipação latino-americana. In: Congresso de Ciências da Comunicação, 31., 2008, Natal. *Anais...* Natal, 2008, p.1-12.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.

BLOIS, Marlene. O rádio nosso de cada dia. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, p.13-21, mai./ago. 1996.

\_\_\_\_\_. Rádio Educativo no Brasil. Uma história em construção. In: HAUSSEN, Dóris e CUNHA, Magda (Orgs.). *Rádio brasileiro: Episódios e personagens*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação: a linguagem em movimento*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

CONSANI, Marciel. *Como usar o rádio em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007.

ENGUITA, Mariano Fernández. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FANTIN, Mônica. *Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos*. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FILHO, André Barbosa. *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas de áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003.

FONSECA, Cláudia Chaves. *Os meios de comunicação vão à escola?* Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. *Caminhos da História ensinada*. Campinas: Papirus, 1993.

HEITZMANN, Patrícia Zanin; BESPALHOK, Flavia Lucia Bazan. Rádios educativas: entraves, desafios e possibilidades para a construção de práticas educativas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...*

Rio de Janeiro: UERJ, 2005, p.1-15.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, n.23, 2002.

\_\_\_\_\_. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, n.10, 1997.

GUTIÉRREZ, Francisco Perez. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978.

JACQUINOT, Geneviève. O que é o Educomunicador? *Net*, São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/núcleos/nce>. Acesso em 15 abr. 2010.

KAPLUN, Mario. *Producción de programas de radio: el guión – la realización*. Quito: Ciespal, 1978.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 1998.

LOURENÇO FILHO, M. B. Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1900 e 1960: descrição e análise. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 100, p. 250-272, out./dez. 1965; Fundação IBGE, *Séries Estatísticas Retrospectivas*, 1970.

MEDITSCH, Eduardo. Paulo Freire e o estudo da mídia: uma matriz abortada. *Net*. Santa Catarina, 2008. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-paulo-freire-estudo-midia.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2010.

PAIVA, José Maria de; PUENTES, Roberto Valdés. A proposta jesuítica de educação: uma leitura das constituições. *Comunicações –*

Caderno do Programa de Pós-Graduação em Educação, ano 7, n.2, p.101-118, nov. 2000.

PIMENTEL, Fabio Prado. *O rádio educativo no Brasil: uma visão histórica*. Rio de Janeiro: Soarmec, 1999.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. 20. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. O rádio educativo no Brasil: uma reflexão sobre suas possibilidades e desafios. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Campinas. Anais Eletrônicos... Campinas, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0905-1.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2010.

ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativos. *Revista USP*, São Paulo, n.56, p.10-15, dez./fev., 2002/2003.

SARTORI, Ademilde; SOARES, Maria. Concepção dialógica e as NTICs: A educomunicação e os ecossistemas comunicativos. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 5., 2005, Recife. *Anais eletrônicos...* Recife, 2005. Disponível em: [www.paulofreire.org.br/pdf/comunicações\\_orais](http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicações_orais). Acesso em: 06 jun. 2010.

SAVIANI, Demerval. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. *EccoS – Revista Científica*, São Paulo, v.10, n. especial, p.147-167, 2008.

SCHAUN, Angela. *Educomunicação: reflexão e princípios*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2008.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. Radiojornalismo e suas múltiplas fontes sonoras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊN-

CIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. *Anais Eletrônicos...*  
 Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1526-1.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. *Rádio: oralidade midiaticizada – o spot e os elementos da linguagem radiofônica*. São Paulo: Annablume, 1999.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação & Educação*. São Paulo, n. 19, p. 12-24, set/dez. 2000.

\_\_\_\_\_. A ECA/USP e a Educomunicação: a consolidação de um conceito, em dezoito anos de trabalho. *Comunicação & Educação*. São Paulo, n. 2, p. 7-12, mai/ago. 2007.

\_\_\_\_\_. *Mas, afinal, o que é educomunicação?* Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP. São Paulo: NCE, [s./d.]. Disponível em: [www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/](http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/). Acesso em: 06 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. Educomunicação, seus procedimentos e metodologias. Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP. São Paulo: NCE, [s./d.]. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/exe/public.php?wcp=/aeducomunicacao/texto,2,231,254>. Acesso em: 14 jun.2010.

\_\_\_\_\_. Educomunicação: é possível dialogar com as mídias? *Entrevista concedida a Net Educação*, fev. 2010.

\_\_\_\_\_. Entenda a Educomunicação. *Entrevista concedida a Revista Conhecimento Prático – Geografia*, 2009.